

## Resenha

# Compreendendo a sociedade digital de acordo com Byung-Chul Han

**Camila Paschoal Bezerra**

Mestranda em Ciências da Comunicação pela USP  
camila\_bezerra@usp.br

Resenha de HAN, B.-C. *Sociedade da transparência*. Petrópolis: Vozes, 2016.

Lançado no Brasil em 2016, pela Editora Vozes, a obra *Sociedade da transparência*, do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han é contundente ao dilacerar os contratemplos mais densos da era digital, apresentando-se como uma análise granular da configuração da sociedade pós-moderna em meio as redes sociais digitais. Retratando o fenômeno da hiper-informação em uma sociedade hiperconectada, Han expõe, de forma quase que visceral, sua ácida reflexão sobre este momento e sobre este fenômeno contemporâneo, abordando tanto aspectos culturais como comportamentais deste universo, e temáticas que versam desde autonomia do indivíduo até o controle das massas.

Salientando o papel de todo um sem-número de aparatos tecnológicos que, segundo o autor, praticamente invadem nossa vida cotidiana, Han descortina como as pessoas se relacionam atualmente a partir da observação do fenômeno das redes sociais digitais, com suas ambiguidades, dicotomias e paradigmas, funcionando como uma verdadeira teia para que um espectro de opiniões muitas vezes diametralmente opostas possa surgir, culminando em um coletivo disperso, por vezes caótico, díspar e volúvel em se tratando de percepções e opiniões.

Entrelaçando observações complexas sobre a pós-modernidade com críticas ácidas à capacidade atual do indivíduo de olhar para dentro de si mesmo e fazer suas próprias reflexões - autonomia e autoestima são conceitos correlacionados para o sul-coreano - o autor propõe ao longo da obra o que mais parece ser uma audaciosa série de críticas sobre o fenômeno da vida digitalizada. Um verdadeiro emaranhado tecnológico que, por vezes, pode distrair nossas mentes a ponto de que não sejamos capazes de notar nosso papel no meio ambiente e na construção de nossas próprias vidas - nossa relação com a natureza, por exemplo, e o tempo que dedicamos ao cuidado do ambiente em que vivemos são dois aspectos imperativos para que o indivíduo possa viver de forma consciente em meio a um mundo de caos, segundo Han.

O primeiro tema abordado, *Sociedade positiva*, discorre sobre a busca dos indivíduos por transparência e liberdade de informação. Somos capazes de encontrar as informações que precisamos para viver uma vida autônoma? Ou somos expostos nas redes sociais digitais a uma avalanche de informações de uma forma que não mais sejamos capazes de tomar decisões conscientemente?

Segundo o autor, essa busca em um mundo pós-moderno perante uma verdadeira cascata informacional torna a transparência das informações rasa e pálida, pois apresenta-se, por muitas vezes, como algo plano e operacional, simplificado, e que preocupasse em eliminar tudo aquilo que é diverso, tudo aquilo que é diferente, passando a uniformizar e pasteurizar esta sociedade. Para ele, no plano das redes sociais digitais, a tendência é a “conexão” dos “iguais”, eliminando deste panorama toda ambivalência ou diferença, inclusive em se tratando de opiniões e informações diversas.

Nesse trecho da obra, o autor também pondera sobre a negação dos sentimentos humanos e da heterogeneidade, como se este fenômeno de negligenciamento do que é diferente seja evitado em prol de uma sociedade que tende a processar apenas aquilo que lhe é semelhante, ou, segundo o autor, opaco.

Para o autor, é o como se os indivíduos estivessem alheios como forma de evitar possíveis esgotamentos, cansaços, ponderações sobre aquilo que é novo, ou até mesmo o exercício do pensar, do indagar, do refletir, fazendo surgir, desta forma, quase que uma exacerbação do positivo, neutralizando qualquer outro aspecto do que possa ser divergente, gerando uma alienação informacional.

É o fenômeno da bolha: esferas ilusórias pelas quais um conjunto de indivíduos “transferem” uns aos outros apenas aquilo que lhes é comum; um fenômeno de neutralização, uma alienação social (digital), gerando o distanciamento da verdade e da pluralidade. Um verdadeiro abre-alas para as críticas à sociedade digital que Han apresenta ao longo da densa obra.

O segundo capítulo, Sociedade da exposição, estabelece uma análise sobre outro fenômeno das redes sociais digitais, além da já descrita bolha: o da hiper-exposição. Por que precisamos nos expor? Fazemos isso de forma consciente ou essa bolha digital nos leva a acreditar que precisamos de uma validação de terceiros? Como podemos resguardar nossa privacidade? Como podemos garantir a preservação de nossa autenticidade?

Nesse trecho da obra, o autor retrata uma sociedade que, pouco a pouco, perde sua essência, sua transcendência perante o outro, por deixar esvaziar sua espontaneidade. Diferentemente de uma fotografia expressando valores de uma época, tradições e costumes, a sociedade positiva gera a exposição daquilo que lhe é premeditado, e, desta forma, esvaziado de seu significado. Ou, como propõe o autor, “o fim do olhar”.

Prosseguindo no terceiro tema, Sociedade da evidência, Han apresenta uma análise sobre o chamado fenômeno de assimetria, pelo qual o indivíduo busca por “re-afirmações” para saber como navegar seus meios sociais digitais. Segundo o filósofo, essa assimetria ocorre a partir da busca pela homogeneização das relações, distanciando o indivíduo de sua capacidade de raciocinar, por evitar o que lhe é diferente. Essa assimetria do pensar e do conviver, digitalmente falando, impede, por exemplo, ponderar opiniões adversas, compreender pontos de vista diferentes e descobrir novas teias informacionais, evidenciando apenas o que é comum, no sentido de costumeiro e banal, sem chances para novos aprendizados, ou transformações. É o caminho para “a velha opinião formada sobre tudo”.

Continuando suas ríspidas considerações, em Sociedade pornográfica, Han retrata a dicotomia existente entre a exposição e o vazio. O espetáculo *versus* a falta de cultura. O excesso de informações *versus* a falta de curadoria informativa. Como transcender essa

avalanche de informações e fazer uso adequado - seja para nosso desenvolvimento, nosso aprendizado, a construção de nossas vidas pessoais e profissionais - sem que tenhamos que expor desnecessariamente nossa privacidade? Como navegar nesse mar de dados, sem que nossos dados também sejam expostos sem nosso consentimento? Onde está o sigilo e onde está a autonomia? Estamos desnudos?

Associado a esse tema, Han debruça sobre a aceleração da circulação da informação em Sociedade da aceleração, o quinto capítulo, de forma que a temática sobre a velocidade da troca ou acesso à informação é esmiuçada, mostrando como essa velocidade exacerbada está esvaziando o significado de rituais e cerimônias, tão fundamentais na construção da identidade das mais variadas culturas através dos tempos. Para o autor, a quebra da cadência leva à quebra da narrativa, e a quebra da narrativa leva a seu esvaziamento, uma vez que ocorre a operacionalização dos acontecimentos, a banalização da comunicação e da produção, a perda da espontaneidade e do discorrer natural dos fatos, gerando um mundo desprovido de contexto e de significados, tendo por consequência o empobrecimento de sua semântica.

Como tudo é muito rápido, tudo acaba apresentando-se como efêmero. O que importa realmente? Como manter nossas tradições e costumes? Como apreciar a passagem do tempo? São algumas das indagações propostas pelo filósofo. Podemos refletir, a partir desse capítulo, por exemplo, sobre uma verdadeira profusão de cursos e *workshops* que surgem a cada dia sobre temas como *mindfulness*, ou *como aproveitar o tempo presente*, praticamente nos lembrando do que é viver.

Na sequência, em Sociedade da intimidade, o sexto capítulo dessa obra, Han desenvolve sobre as características dessa sociedade sem expressividade, que vive em um contexto de aceleração de informações. Conseguimos definir o que é íntimo como sendo aquilo que não expomos ou como aquilo que compartilhamos? O que é íntimo é aquilo que é único em mim ou aquilo que garante a mim uniformidade com os meus “iguais”, para que a “conexão” com outras pessoas ocorra? A era digital ressignificou a intimidade? São perguntas que podemos fazer a partir da leitura deste trecho. Obviamente, o autor não propõe respostas. Repetidamente na obra, o papel de Han é o de indagar, o de provocar. Do ponto de vista de respostas ou proposições, os capítulos construídos por Han - inclusive este - são vagos.

Se digitalmente a sociedade conecta-se apenas com seus iguais, as informações as quais acessa constituem um tecido uniforme. Dessa forma, no sétimo capítulo da obra, Sociedade da informação, Han percorre os caminhos da informação homogênea, um pano de fundo que distancia o ser humano da sua racionalidade, praticamente retomando pontos anteriormente apresentados. Nesse capítulo, porém, Han recorre a Platão, para destacar fundamentalmente a importância da construção de espaços de diálogo e debates para coibir este processo. Muito possivelmente, o capítulo mais sagaz da sua obra, pois elucida caminhos para equilibrar essa sociedade tida por ele como desigual e caótica com o emergir de uma sociedade racional.

Para Han, esses espaços de diálogo e convivência nos permitem a busca pela verdade. Se podemos atribuir *cogito ergo sum* ao pensador Descartes (ou o famoso *penso, logo existo*), podemos assumir que, para Han, uma releitura pós-moderna dessa proposição filosófica seria *argumentum ergo sum*, ou *argumento, logo existo*.

No penúltimo capítulo dessa obra, *Sociedade do desencobrimento*, Han narra como a hiper-informação está inserida em um contexto cuja sociedade é hiper-conectada. Algo que, para um bom leitor-observador, será um convite a perceber o encerramento da obra. Cabe aqui destacar um dos poucos exemplos práticos contemporâneos citados por Han, utilizando o Facebook e o fenômeno dos *likes* como fonte de observação. Para ele, o fato de não existir um *botão* que nos permita demonstrar quando não gostamos de algo - um *deslike* - é uma das provas pela qual podemos inferir que as redes sociais digitais criam ambientes propícios para que busquemos a pasteurização, aquilo que é comum na bolha digital.

Encerrando o último capítulo de sua obra, *Sociedade do controle*, Han aborda a relação de dicotomia existente entre indivíduos conectados quase que em tempo real, praticamente sem isolamento do ponto de vista de canal de comunicação, sem impedimentos aparentes para desenvolvimento de novas conexões, porém limitados a partir de suas próprias esferas de conexão: esferas ilusórias, que não permitem - ou pouco permitem - que o indivíduo possa deparar-se com mundos adversos ao seu, empobrecendo sua visão de mundo. Quem está no controle? Esse capítulo remonta mais a uma versão literária do visual industrial de *Another Brick in the Wall*, parecendo uma releitura do clássico da banda britânica *Pink Floyd*, que outrora já fazia parte do hall daqueles que *criticam o sistema*.

Apesar de o autor expor na obra as características de uma sociedade pós-moderna, mergulhada na junção entre hiper-conectividade e hiper-informação, há, ao final do último capítulo, o que emerge como um breve lampejo de novas possibilidades acerca desse emaranhado digital. Um capítulo que merecia mais densidade. Para Han, a panaceia desse ambiente digital é a reconstituição das relações no lugar das conexões, da valorização da individualidade, das características próprias, da peculiaridade, da reflexão crítica, do valor da honestidade e da sinceridade, da constituição de relações de confiança a partir de dessemelhanças, e distanciamento do poder controlador - ainda que não exista muita clareza sobre quem, de fato, constitui este poder.

Retomando o exemplo usado para tratar a importância do debate e da construção do diálogo, a partir de Platão, a construção de espaços de convivência e de retórica, que incentivem o pensar e o sentir são os caminhos para que doenças tidas como pós-modernas - estresse, ansiedade, depressão - e comportamentos agressivos - *bullying*, preconceitos - diminuam consideravelmente.

Certamente a obra reflete uma sociedade que está passando por transformações, muito também impulsionada pelo fenômeno da globalização, em que redes sociais digitais são capazes de conectar o Ocidente com o Oriente e transmitir informações em questões de milissegundos. De fato, é uma obra contemporânea, e que reflete o caos social existente na era digital, evidenciando um sem número de preocupações pós-modernas: de analfabetismo digital à fragmentação do raciocínio crítico na sociedade; do elitismo digital à polarização de opiniões, de redes de simulacros à busca por validação, do desgastado discurso sobre cultura de massa e controle a escapismo.

Contudo, é necessária a ampliação desse conceito e a análise para além daquilo que é visível como prejudicial, como por exemplo, a discussão sobre aspectos positivos da rede, como ciberativismo, o desenvolvimento de paralelos entre cidades hiper-conectadas e seus efeitos no que tange à economia criativa, a discussão da publicização

da vida em meios digitais versus acesso à educação através das redes, por meio de iniciativas de *e-learning*, e uma série de outros exemplos.

Teoricamente, a obra de Han é rica em analisar com lupa a sociedade atual, mas carece de caminhos práticos para contornar problemas oriundos desse ecossistema. Também carece consideravelmente de contrapontos, ou seja, salientar como as redes sociais digitais abrem caminhos para que pessoas não antes vistas na sociedade - seja por sua renda, localização geográfica, identidade cultural - possam integrar uma rede ampla de indivíduos ao redor do globo. Cabe dizer que a obra também é rasa quanto a analisar a verdadeira profusão dos mais variados negócios que surgiram ou foram transformados pela digitalização da vida, da forma como consumimos música à forma como lemos um livro; hoje, graças às redes digitais, um indivíduo em um ponto distante em um país tido como emergente, pode acessar uma infinidade de aulas gratuitas das mais honradas instituições de ensino do mundo por plataformas como Facebook e Instagram.

Por conta das redes sociais digitais, podemos mobilizar petições em prol da assinatura de leis e decretos que possam beneficiar comunidades inteiras. Podemos também organizar os chamados *crowdfundings*, ou *financiamentos coletivos*, pelo qual inúmeros projetos sociais brotam como flores em meio a pedras. Cadeiras de rodas entregues a comunidades carentes a partir de um *compartilhamento* na rede pedindo por doações de anéis de latinhas que, uma vez coletados por milhares de pessoas que nunca se conheceram *presencialmente*, foram doados a uma ONG que promove a reciclagem. Onde está o capítulo sobre economia circular? Onde está a análise sobre economia criativa?

Obviamente é mais do que necessário e relevante a discussão acerca dos caminhos fugazes das redes sociais digitais, de seus perigos e riscos, das questões comportamentais inerentes, mas também é necessária a busca pela iluminação dessa temática, ou seja, buscar os benefícios que esta verdadeira revolução digital oferece aos cidadãos.

Olhares. Essa obra incentiva a produção de novos olhares. Fundamental para todo leitor que se preze, e para todo ser verdadeiramente pensante.

**Recebido em:** 02/Ago/2019 - **Aceito em:** 04/Mai/2020.